ANNO II

ASSIGNATURAS

Trimestre........ 2$000
Semestre........ 4$000
Anno........... 8$000

O PENSADOR.

NUMERO 18

PUBLICA-SE

Tres vezes por mez, nos dias 10, 20 e 30.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

..Ut jam non simus parvuli fluctuantes, et circumferamur omni vento doctrinae,
in nequitia hominum, in astutia ad circumventionem erroris.
(S. Paulo, epistola Cap. V. v. 14. Ephesos)

Maranhão, 10 de Março de 1881

Propriedade de uma associação

AVISO.

Começa com este numero o nosso terceiro trimestre e por isso pedimos de novo aos dignos assignantes, que mudarem de residencia, o obsequio de prevenir no nosso escriptorio, afim de evitar-se reclamações.

Aos que ainda devem o segundo trimestre findo, declaramos em tempo que, se até o fim do corrente mez não estiverem quites, suspenderemos a entrega do jornal.

O PENSADOR.

MARANHÃO, 10 DE MARÇO DE 1881.

A Moral do Sr. D. Antonio de Alvarenga.

Acabam de nos dizer um cousa incrivel. Asseveram-nos que S. Exc. Revm. do alto da tribuna sagrada pregou a desorganisação da familia.

Não podemos acreditar que assim seja. Não podemos crer que um ministro de Christo, transformado em orador sagrado, se sirva de seu verbo evangelico para insuflar a discordia no seio do que ha de mais santo—o lar.

E contudo dizem-nos que assim foi Todos repetem as palavras de S. Exc. Todos proclamam a uma voz a maxima de Tropmann que dos labios cahio do Sr. D. Antonio. Todos declaram que S. Exc. disse: «QUE AS MULHERES E FILHAS CUJOS MARIDOS E PAIS SÃO REMISSOS NO CUMPRIMENTO DE SEUS DEVERES RELIGIOSOS OS DEVEM ABANDONAR E SE REFUGIAR NOS TEMPLOS.»

Até hoje julgavamos que o Sr. D. Antonio era apenas um pobre d'espirito. Nutriamos esta convicção baseada em factos. Agora, porem, a darmos credito ao que nos dizem, S. Exc. assume para nós outras proporções. Quem da tribuna sagrada arremessa taes palavras é um homem que deixa a perder de vista Cartouche e Mandrin. Esses, que foram salteadores, nunca subiram a uma tribuna para incitar a mulher a declarar guerra ao marido, para induzir a filha a desrespeitar o pai.

Nossa forma social constituida como é repouza essencialmente sobre esse pequeno agrupamento d'individuos—a familia. Lançar em meio d'essa colmeia o fermento da anarchia é querer mergulhar a sociedade no monturo da immoralidade. Quando a esposa e a filha acharem justo abandonar aquelle que lhes garante a existencia social, terão dado um passo inevitavel para a prostituição. O refugio na Egreja de nada lhes servirá. Na Egreja não se come—e a mulher precisa comer. A fome é o maior dos fornecedores dos prostibulos.

Um Bispo que prega assim uma maxima incendiaria, um Bispo que quer a desordem social por uma maneira tão violenta, só pode aspirar a ser um apostolo do bordel. Trabalha para a immoralidade, para a devassidão, para a luxuria, para a prostituição. Desorganisa em vez de organizar. Serve-se da sua palavra para fazer germinar o vicio. Diz á esposa—Foge do lar; diz a filha—abandona a casa paterna!

S. Exc. quer enriquecer a prostituição A prostituição que lhe agradeça.

⁂

Quaesquer que sejam as opiniões de um homem, aquelles que constituem a familia de que elle é chefe, têm o rigoroso dever de respeital-as. A mulher collocada na dependencia absoluta do homem, no nosso estado social, mais que ninguem tem esse dever a cumprir.

A esphera da actividade humana tem duas partes cujo accordo deve produzir o bem estar social. A primeira parte—a vida publica pertence ao homem. A segunda—a privada ou particular pertence á mulher. O primeiro organisa a sociedade. A segunda—a familia.

Na familia bem constituida o primeiro lugar pertence incontestavelmente á mulher. O homem, que é seu chefe publico, no interior do lar nada mais é do que o principio da autoridade necessaria á sustentação do governo domestico. A vida da familia, o principio germinativo da sociedade, cabe á mulher. O homem conserva pela sua autoridade o que a mulher organisa.

E' portanto esta autoridade uma cousa santamente respeitavel. Lançar-se a mulher contra ella, derrocal-a, é derribar o pedestal sobre que assenta a vida privada. Impossivel comprehender o lar roubado o principio de autoridade ao homem.

Se um individuo acaso se deixou dominar pela impiedade, se um pae de familia não cumpre os deveres que a religião impõe, claro é que os membros da sua familia obrigados não são a imital-o. Podem licitamente deplorar o que julgam desvario de seu chefe. Que passam porém rebellar-se contra elle, querer impor-lhe uma opinião, eis o que não é admissivel.

Nenhum homem ha tão perverso, que queira forçar todos aquelles que delle dependem a lhe aceitar as convicções. Nenhum tão tyranno, que negue á mulher o direito de cumprir seus deveres religiosos. Se algum veda a sua mulher e a suas filhas o ir repetidamente ás Egrejas, se algum lhes prohibe a confissão, é porque considera de más consequencias taes passos. A mulher, a quem for dada essa prohibição, deve resignar-se. Se não cumpre seus deveres não é ella a culpada, e portanto não lhe cabe a responsabilidade. Resta-lhe ainda a oração o mais respeitavel dos preceitos religiosos. E para orar qualquer lugar serve.

Se dos templos hoje procura o homem affastar a mulher, é porque geralmente da sua frequencia lá rebenta a immoralidade. O sacerdote, forçado ao celibato, só tem a perder com a presença da mulher. Feito para a castidade segundo a lei catholica, o padre não deixa comtudo de ser homem. A vista da mulher constantemente póde roubar-lhe a virtude. D'ahi se tem originado a desmoralisação da classe clerical. D'ahi se tem gerado a quéda frequente da mulher beata.

O esposo e pai que afasta sua mulher e filhas desse escolhio tem portanto uma grande rasão para ser absolvido. Quer evitar que a corrupção entre no seu lar. Quando mesmo não seja justo o seu proceder, a nobreza de sua intenção deve attenuar-lhe completamente a falta.

O Sr. D. Antonio pregando do pulpito a rebellião da mulher contra o homem acaba exuberantemente de mostrar o perigo que ha para a familia em ir a mulher ás egrejas. Se, effectivamente, é para ouvir taes maximas que os seres que nos são mais caros vão aos templos, fazemos bem em de lá os affastarmos. Se todas o ouvissem e o acreditassem, breve teriamos os templos transformados em fonte geradora da mais torpe devassidão.

Felizmente a mulher maranhense ri-se de S. Exc. Rvm. Nenhuma que seja honesta abandonará seu esposo ou pai para sepultar-se n'um templo. Nenhuma irá descambar na egreja para depois cahir no lodo.

O Evangelho de corrupção que S. Exc. traz não ganhará nada para os arraiães da desmoralisação.

É em vão que S. Exc. prega a anarchia para a familia.

A familia escarra nas maximas de S. Exc.

⁂

Imaginai uma mulher fugindo do marido ou do pai e indo para um templo. Imaginai-a forçada a sahir do templo quando a porta se fechar. Onde irá ella? Para casa de uma amiga sua? Mas quem a acceitará sabendo que ella fugio do lar? Irá ella para uma sachristia? Mas qual o padre que esteja disposto a alimental-a sem retirar algum beneficio do alimento?

Onde ella vai parar, bem o sabemos. Ella só pode ir ter a esse antro de miserias—a prostituição! Tendo forçosamente de viver, renegada por aquelles que abandonou, vê-se obrigada a vender-se como uma vil mercadoria. Já não é uma mulher—é uma prostituta! Já não tem honra—é um ser infame para a qual não ha nome possivel!

Pois bem, esta mulher execravel é a mulher como a quer S. Exc. E' a mulher que elle manda abandonar os seus para ir ao templo. E' a filha que elle quer roubar ao pai para a envilecer. E' a mãi que elle deseja tirar a seus filhos para a enlamear. E' a esposa que elle rouba ao marido para a perverter. E' a mulher que S. Exc. quer atirar no lodaçal do vicio.

Ouvi, povos, ouvi! Um ministro de Christo quer dar a opulencia ao lupanar! Um Bispo prega um Evangelho palavra final é—prostituição!

Tú, Christo fazias de Magdalena—uma mulher honesta; o Snr. D. Antonio quer fazer da mulher honesta — uma Magdalena!

Que nobre missão a de S. Exc.!
Um passo mais, apostolo do bordel!

⁂

Tudo o que acima dissemos foi na supposição de que S. Exc. proferisse taes palavras.

Por mais indispostos que estejamos com o Sr. D. Antonio não podemos, porem, crer que soltasse semelhantes phrases no pulpito.

E a razão de não acreditarmos é simples. E' que, a ser verdade o que a opinião publica avança, já teriamos requerido exame de sanidade para S. Exc. E fal-o-hiamos, porque só um malvado ou um louco poderia fallar de tal maneira. E nós dariamos a preferencia ao louco.

E' portanto evidente para nós que o Sr. D. Antonio não proferio taes palavras.

S. Exc. não é um infame.

A biographia de um zero

(estudo á vol d'oiseau).

Ha annos, em Pastos Bons nascia uma criança destinada a ser o mais ridiculo dos campeões do Catholicismo.

Esta criança recebeu junto da pia baptismal o nome de João Tolentino Guedelha Mourão.

O ridiculo nome era digno do zero que a natureza produzira.

⁂

Seguindo a lei fatal do desenvolvimento dos organismos a creança breve transformou-se em homem.

E como todo o homem destinado é a ser alguma cousa metteram Guedelha n'um seminario. Queriam fazer d'elle um sacerdote.

Felizmente o adolescente tinha a bossa das trevas — a da inutilidade. Fez-se padre como outros se fazem ladrões.

Do padre romano ao ladrão a distancia é pequena.

⁂

João Tolentino rezou a sua primeira missa. Vestido d'essas roupas comicas que o Catholicismo conserva, impoz-se ao povo como um ministro de Christo.

O povo acceitou-o como tal. Admirou o parasita que ia sustentar com seu suor.

Guedelha astuto e ambicioso pensou em ser Doutor em Theologia.

E foi. Mandaram-no para S. Sulpicio.

⁂

Passados annos Guedelha voltou. Trazia no seio as subtilezas inuteis que lá apprendera. Ainda era homem quando n'esse covil entrou; quando sahio era um reaccionario caricato. Guerreava o espirito d'este grande seculo como as corujas guerreiam a claridade.

E as plagas a que Guedelha veio parar foram as do Maranhão—sua patria.

O filho vinha insultar a mãe.

⁂

No Maranhão imperava então um bispo. Era um homem sensato que comprehendera que a grande epocha do dominio do Catholicismo havia passado. Habil e sincero exercia com cordura o seu encargo espiritual.

Ao ver aportar Guedelha o Bispo tremeu. Nada, disse elle, nada com esse animal. Que n'outra parte procure fortuna. Aqui não a ha para elle.

E como um tremendo pontapé atirou Guedelha no Pará.

⁂

No Pará Guedelha foi grande. Soube captar a benevolencia de um Bispo. Redigio um jornal parvo intitulado *Boa-Nova*. Semeiou a discordia entre a população.

E a desordem rebentou no Pará. Rebentou a ponto de ir o Bispo parar na cadeia.

Guedelha durante algum tempo soube manter-se no poder. Fertil em artimanhas, declarando guerra a tudo o que é bom, soubera interessar por si os partidarios da reacção. Fizeram delle um escriptor. Consideram-no como alguma cousa de valia.

Como se Guedelha valesse alguma cousa!...

⁂

Quando o dia da desillusão chegou, Guedelha foi expulso do Pará. Perdera toda essa reputação de sabio e de escriptor. Só o conheciam como um incentivo de desordem que convinha expellir como s'expelle o virus de um organismo viciado.

O infeliz Maranhão foi pela segunda vez a terra a que veio parar Guedelha.

D. Antonio d'Alvarenga—um bispo sem illustração, recebe a braços abertos o reaccionario. Precisava de um homem que escrevesse para elle assignar.

Estava entronisado Mourão. A igno-

rancia de um Bispo dera-lhe o poder outra vez.

∴

Aqui, no Maranhão, a presença de João Tolentino fez-se em breve sentir. Nasceu a *Civilisação*, um periodico ridiculo, orgão dos interesses catholicos.

E a *Civilisação* cuspio insultos sobre todos. Nada foi santo para ella. Ante o tumulo de Paranhos chegou a expectorar a sua miseria clerical.

E como não bastasse a lepra da *Civilisação*, veio a morphéa das cartas aos maçons. Guedelha queria manchar tudo com sua penna de fél.

Midas transformava tudo em que tocava no mais puro ouro.

Guedelha procura fazer lodo de tudo o que encontra.

∴

As cartas aos maçons acabam de chegar ao numero 15.

Na ultima, a decima quarta, a maçonaria desappareceo para dar lugar ao insulto ao *Pensador*.

Servindo-se de todas as locuções de que nos servimos para combatel-o Guedelha tem a audacia de nos atirar á fronte os epithetos que lhe cabem.

Plagiario na polemica para dizer alguma cousa que se leia imita-nos até a forma d'escrever!...

Convicto de que seu estylo nada vale está hoje estudando-nos para se aperfeiçoar.

Que as nossas licões lhe approveitem.

∴

Acha que nossos artigos editoriaes são sensaborões e plagiados o autor das cartas aos maçons!

Talvez que tenha razão. Porem que prove o plagio caso elle exista, senão teremos o desprazer de dizer altamente: João Tolentino Guedelha Mourão é um vil calumniador!

Quem sabe este filho da Beocia julga que factos se plagiam, e que em materia historica se pode inventar outra cousa alem da forma de encarar os acontecimentos!

Se assim é parabens á bôa fé dos escriptores da Egreja.

∴

João Tolentino não quer discussão comnosco. Diz que não quer descer.

Concordamos com elle. Nada de descidas. Já está tão baixo que um degrau de menos pol-o-hia ao nivel do que nos anda debaixo dos pés.

E alem d'isso de que serveria a Guedelha a discussão!

Mostrar que nada vale? Mas isso já nós sabemos.

Não te canses João Tolentino, já te conhecemos bastante.

Na discussão nada poderias fazer de bom. Nós te acontariamos como se aconta um clown litterario.

∴

Depois da decima quarta carta aos maçons Guedelha descobrio que a nossa linguagem é indecente.

Não nos admira tal descoberta. Pois se nós fallamos d'elle?!

E como a indecencia seja assumpto largo projectamos no proximo numero continuar este breve estudo sobre Guedelha Mourão.

A nossa benevolencia permitte-nos continuar a fallar d'este zero.

Vejam a degradação moral a que desce o *Pensador!*

COLLABORAÇÃO

As cartas e o conego Mourão

O auctor das—*cartas*—é um homem fertil. Tem a fertilidade abundante dos espiritos retrogrados:—absurdos.—A sua cabeça é um reservatorio de cousas podres e fedorentas. E' por isso que os seus productos deitão um cheiro por demais insupportavel. E' assim o jesuita.

Nunca a hypocrisia foi tam bem representada como na pessôa d'esse tratante de roupeta. Insulta com a facilidade com que mente. Calumnia com a habilidade com que seduz.

Desesperado, enraivecido, pelo pouco ou nenhum apreço que se lhe liga, tenta morder a todos como cão damnado. A baba que lhe escorre da boca é misturada com o vinho da missa. D'aqui um certo veneno que lhe é particular.

Falla em honra, quando duas mulheres no Pará chorão por ella. Este jesuita não tem consciencia, se acaso isto é possivel aos especuladores da religião. Falso como Judas, malvado como Torquemada, o digno auctor das—*cartas*—é rapaz de tudo, de tudo...

Para este homem todas as baixezas humanas, isto é:—fazer d'uma donzella uma messalina,—d'um ente bom uma pessôa fanatica,—prometter o céo para receber dinheiro,—obrigar a esposa a deixar o marido para metter-se nas sachristias...—são para elle, que não trepidaria em assassinar o amigo na occasião de abraçal-o, meios licitos de que lança mão para conseguir seus fins.

Elle enforcaria Christo da mesma maneira com que prega. Os seus sermões são forcas onde debatem-se agonisantes os principios do christianismo.—Isto é sublime, é brilhante, diz elle.—Parvo! Não sabe que as podridões só produzem fogos—fatuos.

As—*cartas*—são para um escriptor o que o excremento é para o animal. E é isto o que se pretende atirar em nossa face.

Jesuita, tu és demasiado pequeno, és atomo, para que a tua immundicie nos possa alcançar. Não estamos no teu nivel de canalha. Procura teus iguaes e cospe sobre elles o fel que tens na alma.

Em quanto tu ladras, como que procurando deter-nos na estrada, nós continuamos a viagem, rindo-nos a tua custa. Insulta, calumnia, grita, desespera-te, zanga-te, vende Deus, como Christo, que nós vemos nisso tudo os ultimos soluços do ultramontano moribundo.

Has de morrer, tartufo.

∴

Inda se continua a dizer que taes—*cartas*—saem da lavra do sr. conego Mourão. Achamos impossivel. Não cremos. O sr. conego Mourão é um homem sabio; e jamais trocaria a sua penna de escriptor distincto pela linguagem baixa da regateira de mercado. Elle é senhor d'uma intelligencia luminosa; e as—*cartas*—só podem ser escriptas por um miseravel lacaio de batina. O seu talento não pode produzir *cousas* tão sujas. Para que seja elle o auctor seria preciso que enlouquecesse primeiro.

O sr. conego Mourão, como homem honrado, talentoso e illustrado jamais consentirá que ... se confunda com os canalhas de taberna.

Esclareça-nos, ou seremos forçados a dizer:—o seu espirito é um monturo, a sua consciencia um charco.—

Escolha. Nós somos seu amigo.

Dr. Ironia.

Março de 1881.

S. Exc. o dignissimo Sr. Presidente da Provincia e o PENSADOR.

Por differentes vezes occupou-se este periodico da illegalidade com que o padre Fonseca, sendo militar, exerce cargos civis e vitalicios, estranhos completamente ao ministerio da guerra.

Em um d'esses artigos estranhamos que nada se tivesse ainda feito no sentido de obstar a continuação d'esse abuso, que abrindo censuraveis precedentes, feria de frente e de modo incontestavel a lei escripta.

Hoje, porem, melhor informados, por pessoa que nos merece o mais subido conceito, cumpre-nos declarar que as vozes da imprensa foram ouvidas.

O Exm. Sr. Dr. Cincinato, um dos Presidentes mais sensatos e respeitadores da lei, que o Maranhão tem tido, assim que teve conhecimento do abuso, que denunciamos, tomou incontinenti as mais serias providencias, enviando ao *ministerio* competente todos os papeis necessarios a esclarecer o ministro, que hade naturalmente punir o militar audacioso, que tão despejadamente menospreza as leis do seu paiz.

E quando a authoridade constituida faz da lei a bussola de todos os seus actos, n'esta épocha de descalabro social, em que a corrupção do empenho tem minado tudo, é digna dos maiores elogios e até de veneração, por essa independencia de caracter, que devia ser em regra o apanagio da authoridade, mas que infelizmente apenas apparece por excepção.

Continue pois o Exm. Sr. Presidente a proceder como até aqui, que deixará n'esta provincia um nome invejavel.

Guarapez de Pombal.

FOLHETIM.

Nascimento de um Palerma.

(CONTO LIGEIRO.)

Ha annos, em uma das mais illustres e das mais importantes provincias do Brasil, nascia uma creança.

Em vez de trazer estampadas na fronte tres estrellinhas de ouro, trasia a seguinte palavra escripta em letras bem vivas e negras:—Palerma.

Consultada a fada dos destinos sobre o facto, e conduzida á presença do recem-nascido, esta triste e pesarosa exclama:—«Pobre creaturinha! A ignorancia debaixo de muitas e variadas formas sempre te perseguirá! Tua vida será um labutar constante de martyrios e de decepções! Nunca lograrás cousa alguma que dependa de tino e de intelligencia. Teu coração sempre achar-se-ha fechado aos bons sentimentos. Serás máu e perverso. Representarás perante teus similhantes um papel triste e digno de compaixão! Serás um bobo sempre prestes a divertir o publico que assim mesmo apupar-te-ha. Uma força enorme e terrivel te dominará. Nunca terás vontade propria. Serás finalmente um authomato posto á disposição de um ente abjecto e terrivel que ha de perder-te para sempre. Em compensação porém, os homens em um momento de cegueira erguer-te-hão bem alto. Gosarás dessa posição por algum tempo mas sempre odiado e despresado por teus semilhantes. Subirás bem alto, mas ao depois deves preparar-te para a queda que embora um pouco tarde comtudo será tremenda. Quisera melhorar-te a sorte, mas vejo-me sem forças para isso.»

Ditas estas palavras a fada sumiu-se como que por encanto.

∴

Passado pouco tempo a familia não acreditando no que dissera a fada ou esperando que o tempo dissipasse a duvida em que se achava mergulhada, fase conduzir a criança ao baptismo onde dam-lhe o nome de Antonio assim como poderiam tel-o feito chamar—Tolo, Bobo ou outra qualquer cousa.

∴

A creança ía crescendo. Seu desenvolvimento physico era regular. O moral porém, conservava-se estacionario. Mão occulta e poderosa parecia obstar-lhe os passos.

Chegado á idade propria e conveniente de tomar-se um destino qualquer, a familia de Antonio viu-se em serios embaraços ao escolher a carreira que deveria dar-lhe.

Antonio mostrava-se indifferente a tudo Era um *boca aberta*. Nada o incommodava. Parecia viver sempre no mundo das estrellas. Uma inacção completa entorpecia-lhe o espirito. Nada desejava. Nenhuma esperança deixava antever para o futuro. Cada vez tornava-se peior a pobre creatura! Era uma pena vel-o! Metia dó e compaixão! Antonio era um idiota! A natureza severa e implacavel castigava-o já desde a infancia.

A familia pungida de desgostos e descrentes de toda e qualquer bôa esperança, vendo que elle não dava para cousa alguma de utilidade, resolveu fazel-o padre; pois muitos em condição de Antonio infelizmente existem ainda espalhados pelo mundo.

∴

Metteram-n'o em um seminario.

Alli seus mestres a muito custo e quasi que totalmente desanimados, conseguiram que Antonio lesse e escrevesse alguma cousa. Tentaram aprofundal-o mais nos estudos, porem tiveram que ceder visto o discipulo mostrar-se incapaz de ir mais adiante.

Do latim só poderam dar-lhe uma leve tintura das declinações do paciente padre Pereira. Luctaram para leval-o mais longe, sendo porém sempre vencidos pela inepcia e ignorancia de seu discipulo.

Por fas ou por nefas Antonio foi subindo e recebendo ordens superiores, embora que vergonhosamente. Era tido entre seus superiores e collegas como uma *joia rara* e conservado ao mesmo tempo como monumento digno de admiração.

∴

O governo do imperio ou por falta de homens ou em um momento de hallucinação e de cegueira, tira-se de seus cuidados e prega-nos uma verdadeira peça

Fez de Antonio um bispo. Põe-lhe uma mitra na cabeça, mette-lhe um cajado na mão e zás sem a menor cerimonia e responsabilidade remette o tal *quidam* todo paramentado para governar a diocese de uma de suas mais importantes provincias. Verdade é que já houve quem se lembrasse de fazer de um cavallo senador romano. De bom grado porém, dispensavamos excentricidades destas.

∴

Chega Antonio.

Sem grande demora, seu rebanho vê logo n'elle não um pastor prompto a guial-o para o bem, e sim um comediante tolo e descarado a representar a todos os momentos scenas burlescas, sem consciencia alguma do papel que lhe competia representar.

Antonio conhece que vae mal. Lastima-se de ter nascido tão asno. Precisa de auxilio! A quem recorrer? Todos o despresavam e odiavam. Não ha ninguem que goste de chegar-se á ignorancia e á inepcia.

Lembra-se de um salvador. Vae jogar a ultima carta.—Manda buscar bem perto de sua diocese um padre, um verdadeiro jesuita.

Chega-lhe a encommenda sem valor, chega-lhe a *salvação* personificada na pessoa de João Gadelhudo.

Uma diocese folga em ter affastado de si um ente tão abjecto e outra lastima-se por ir abrigal-o em seu seio.

João Gadelhudo sonda a Antonio. Conhece com quem vae lidar. Affeito aos máus costumes e dotado de instinctos horriveis e perversos, longe de guiar Antonio para o bem, incita-o para o mal. Torna-o um carrasco para seu rebanho. Faz-lhe declarar guerra aberta ao povo.

Tarimbeiro velho e conhecedor de toda sorte de depravação, busca plantar o estandarte da immoralidade em novos arraiaes.

Antonio de boca aberta consente em tudo isto sem perceber que está cavando sua ruina.

O povo despreza-o e por muitas vezes já tem fustigado o rosto asqueroso de João Gadelhudo, sem comtudo conseguir que o pudor, embora de passagem, toque as lividas faces de um ser tão aviltante quão abominavel.

∴

Eis leitor um conto ligeiro que narrei-vos, mas cuja veracidade garanto.

Antonio ainda vive despresado e odiado por seu rebanho e rodeado por uma cafila de aduladores e espoletas que cavam com todas as forças sua completa ruina, cumprindo assim a sorte que lhe foi prophetisada ao nascer pela fada regedora dos destinos.

Oscar d'Alva.

Parodia á poesia publicada no decimo segundo pasquim aos Maçons do Maranhão.

Dedicada e consagrada ao INTELLIGENTE *autor dos mesmos pasquins.*

Mentira! o *jesuita*, é dil-o toda a Historia,
Por onde quer que passa, do mal a fama inglória
Immensa ahi ficou.
N'aldêa e na cidade, na terra e pelos mares,
—Hypocrita maldicto, prostrado nos altares,
Do Christo a fé manchou!

Mentira! o *jesuita*,—a sombra da impiedade,
—Phantasma horripilante de trevas e maldade,
E' hostia?—não,—Algoz—
Guiado pela raiva, armado da palavra,
Vomita, peçonha, a tempa qu'em si lavra,
Que Satanaz lh'impoz!

Mentira! e profanaste co'as garras da maldade
A pura e sã justiça, o templo da verdade,
Os fóros da razão!
E queres vil, ousado, tu filho da mentira,
Cuspir no seu altar, n'um louco accesso d'ira,
Tua negra podridão?

Mentira! o *jesuita*, á luz do pleno dia,
Enganador infame, de Christo nos desvia,
—De tão dôce pharol.—
Por armas tem o odio, por cota e capacete
Enganos e calumnias, a *trolha* e o *malhete*
De su'obra infernal!

Mentira! o *jesuita*, sem pêja, a descoberto,
Por onde quer que chegue, na praça ou no deserto.
Nascer faz o terror.
Não busca o antro escuro, do dia é mesmo á luz
Que mata a consciencia, em nome de Jesus
Sem médo e sem pudôr.

Mentira! o *jesuita*, heroe da hypocrisia,
Acceita aqui por Deus, porque lhe dá valia,
O mal que só bem diz!
Se tem na terra o Deus e aos céus levanta os olhos,
Mal deixa ver, horrivel, o negro mar d'abrolhos
Do seu peito infeliz!

Mentira! o *jesuita* afflige, não conforta;
Pois leva a hediondez até á extrema porta,
Cruel, eu te maldigo!
E diz ás creancinhas—Em Deus tens um tyranno;
E diz aos moribundos, o infame, o deshumano:
—Além teus o castigo!

Mentira! o *jesuita*, ás virgens, ás donzellas
Lhes rouba d'alma a fé, as crenças as mais bellas,
O puro e santo amôr.
E traz de rôjo a praça, co'a negra impiedade,
Manchada a branca veste, a casta virgindade
Das filhas do Senhor!

Mentira! o *jesuita*, em frente do perigo,
Vacilla não acceita da força do inimigo
Os golpes tão leaes.
Evita de *Pombal* os bons imitadores
Em fim, os *jesuitas* são os vis creadôres
De scenas immoraes.

Mentira! o *jesuita*, ao Deus Crucificado,
Affronta com cynismo, affronta descarado,
Em suas orações;
Implora cada dia, no templo da maldade,
—Desgraça ao lar, á patria, desgraça á christandade,
Aos póvos, ás nações!

Mentira! e não coraste de vires, embusteiro,
Ser echo, repetir em côro ao póvo inteiro
O negro teu invento?
Mentira! e não tremeste ao ver essa peleja
Das trevas contra a luz da verdadeira egreja
—O livre pensamento?!

Mentira! mas um dia o Deus universal
Fará banir co'a luz a treva infernal
De seita tão maldicta.
Então, o orbe inteiro, em meio d'alegrias,
Verá fugir de todo as vis hypocrisias
Do torpe *jesuita*!

D. S. F.

Soneto.

Pastava em verde prado
Um burro já sediço,
D'aspecto respeituoso,
Qual outro frei *Magriço*.

Encontra *seo Pareza*
O burro, que pastava,
E diz, suppondo ser
Ao padre, que fallava:

Illustre *frei Magriço*
Então você por cá,
Do prado, a ver o viço?!

O asno respondeu:
Os burros se parecem
Mas quem 'stá cá sou eu,

A Cacetinha.

Photographia.

Gorducho e reforçado, este *Marrano*
Usa raspada a lata detestavel;
Escrevinha um papel abominavel,
Deita um cheiro de si, qu'é mesmo um cano.

Em todo o santo dia, em todo o anno:
—Lubricidade enorme, inquebrantavel,
Hediondez, luxuria insaciavel,
As qualidades são do tal magano.

Maneja com mestria a falsidade,
Odiosa e nojento que faz asco,
Um cuspo tem que cheira á porquidade.

Refinado tratante, vil borrasco,
Aqui vive sem peias, na cidade,
—Oh! que falta não faz um bom carrasco!

Agricio Persio.

ECHOS DA RUA.

Consta que os tartufos de Santo Antonio fiseram preces para chover nos dias de carnaval, e no entretanto ha muitos annos que não temos, n'aquelles dias, tardes tão lindas!!

—Coitados dos *bushaques*...o *caiporismo* d'elles já não é só no CORREIO, é tambem lá no Céo.

—

O mascára mais interessante que appareceu este anno foi *uma irmã do coração angariando adeptas*, e disem pela bocca pequena que era o *João Tolentino*.

—Então João, não é muito mais decente brincares assim com o proximo, do que andares dando couces nas taes cartas maçonicas?

—

O Revd. FONSECA foi, segundo disem, o mascára mais importante do baile *Civilisador*. Quando S. Revm. quebrava o *can-can* o enthusiasmo era geral!

—E no entretanto ha quem diga que esse pobre diabo é um refinado hypocrita...Coitadinho.

—

O nosso pseudo *High life* dêo nos bailes do Theatro os mais *edificantes exemplos*. Houve cavalheiro *fino* que molhou senhoras até com restos de cerveja e outros que enchiam nos proprios potes seringas de botica!..

—A' vista disto achamos grande injustiça censurar-se a *cuaga do Thesouro* porque brinca nas ruas com vermelhão.

—

Acha-se entre nós o Sr. Dr. Raimundo José da Silva, distincto advogado que partilha das nossas idéas e propõe-se bater os abusos da egreja.

—Consta-nos que ha certo mysterio na vinda deste cavalheiro.

—

O garrafão do *Paraty*, que vimos entrar no Paço, já começa a produzir os seus *beneficos* effeitos. O ultimo pasquim contra maçons fede a cachaça, *que tresanda*!

—Ora João p'ra que te havia de dar! Alem de tudo bebado! Pobre *Gadelhudo*....

—

O bispo diocesano vizitou a *Assembléa Provincial*. Disem os maldisentes que a *vizita* Revm. tem por fim neutralisar o effeito do importante relatorio, que aconselha pódas no *páo de lá gerebões*...

—Custa a crer isso, porque um bispo devia ser como Christo e não gostar do dinheiro...

Veremos.

—

Continuam os padres do Seminario na pósse illegal do *quintal de Santo Antonio* e consta que até têm querido cobrar alluguer dos pobres que lá habitam. No proximo numero trataremos deste assumpto e pediremos providencias ao Exm. Sr. Presidente, afim de que a lei seja cumprida e o quintal entregue á Camara Municipal, para uso publico.

—

O padre *João*, propondo com justiça suspensão dos trabalhos da *Sallinha* em consequencia da morte do Senador Candido Mendes, fallou em *crenças firmes*.

Padre *João* o que tem as crenças de cada um com as ASSEMBLEAS, onde hoje se admittem todas?

Dá cá o pé meu *loiro*, quem não te conhecer que te compre...

—

O muito conhecido *seo Pareza*, indo ha dias a um casamento, escolhêo na meza o que havia de melhor e fez um bom *farnel*, mas coitado na porta o noivo embargou-lhe o passo.

—Nossos pesames ao seo Moyzés Tude.

—

Dizia ha dias uma irmã do coração, «*D. Chiquinha nós nos confessamos tanto que consultamos mais com as outras o que devemos dizer ao padre.*

—Digam que não têm juizo, minhas toleironas.

—

BRISTOL, o soez pasquineiro de todas as épochas, que foge covardemente á responsabilidade de seos actos, DESPEITADO por ter sido EXCLUIDO do CLUB DOS DEZ, vem furioso na *civilisa-o-cão* mascarado de *Diogenes*.

—Arreda CANALHA, deixa passar o CLUB que leva Senhoras.

—

Lê-se no *Bazar litterario* da ultima *civilisa-o-cão*:

«*Armand's lean on moer.*»

—Damos um queijo a quem advinhar o que quer dizer aquelle genitivo de possessão que alli poz o asno do *Moirão*.

E' muito burro esse cavallo.

—

Os TARTUFOS da *civilisa-o-cão* perguntam o que foi feito de Maciel.

—Vive admirando as vossas sandices no inglez, a ponto de ignorar o emprego do genitivo de possessão!

—Pobres cavalgaduras... e querem discutir latim!!!

—

Lê-se tambem no referido *Bazar*:

:*A bocca fechada faz que tenha o coração paz.*»

—Logo o *Pirocana* não tem. Coitado por isso é qu'elle anda sempre affrontado.

—

O capitão BRISTOL, afamado RUFIÃO nocturno e cantor de chulas immoraes, dêo agora para escrever sobre moralidade na *Sentina* padresca!

—Larga a mascára tratante que estás conhecido.

—

O nosso incomparavel amigo Agostinho Campos Costa acaba de ser honrado com a patente de capitão da Guarda Nacional de Oeiras.

—Bem diz o rifão:—«Ninguem é propheta na sua terra.

—

Morreu ante-hontem um dos burros da ESTAÇÃO e consta, segundo previamos, que será substituido por *João Gadelhudo*.

—Dos cargos que a *inepcia* tem confiado a este tartufo é incontestavelmente este, um dos que mais se coaduna com a sua indole conceira e biliosa.

—

«Movimento dos templos»
...nio na sexta-feira ulti...

Beatas por vicio
Ditas por velh...
Thesoureira e

Zeladora *mamada*....... 1
Grande chela coxé........ 1
Seo pausinho *batedor*..... 1
Curiosos diversos........ 12

NB.—*Seo Pareza* foi e nha Poly tambem.

—

Pauta semanal das visitas de D. Gerêba ao Convento:

Março—1881.

1.º—Não foi porque andou na passeiata representando a IGNORANCIA.
2—Entrou ás 7 horas com 2 formigões, comeu *filhó* e sahio ás 11.
3—Entrou ás 7 1/4, tomou caffé, contou suas proezas carnavalescas e sahio ás 11 1/2.
4—Entrou ás 6 1/2, lembrou-se de Zacharias e chorou e sahio ás 10 com um formigão.
5—Não foi porque estava tocando a *ocarina*.
6—Entrou ás 7, bebeu mingáo d'arroz e sahio ás 11; voltou ás 5, fez pratica d'asneiras, estropeou a grammatica e sahio ás 7 da noite.

Soror Pompadour.

CHRONICA.

Uma carta ao senhor doutor conego Mourão.

REVD. DOUTOR.

E' com o maior respeito e a mais justa commoção que vimos hoje, por compromisso do numero passado, alinhar alguns de nossos toscos periodos defronte dos olhos perspicazes de v. rev.

O que nos leva porem a tão alto commettimento não é certamente a confiança que depositamos em nossos raciocinios, mas pura e simplesmente a convicção de que v. rev., por um capricho, não fallou de consciencia, quando, transcrevendo um pedaço de nossas chronicas, fez algumas considerações philosophicas a respeito do estado senil e abandalhado desta provincia, segundo o quadro que della pintamos.

Com effeito o desenho da sociedade maranhense, que escapou-nos da penna, nada lisongeia ao torrão privilegiado que á vaidade de alguns bairristas approuve intitular—*Athenas Brasileira*.

Dissemol-o e repetimol-o—Isto por cá nada vale! isto por cá nada presta!—Tudo o que constitue nossa individualidade collectiva e nos confere os fóros de cidade—tudo isso, desde a instrucção publica, que generosamente nos dá o governo, até o mingáo de milho, que nos vendem as pretas minas, tudo isso não vale um ai e podia ser atirado á primeira praia.

E v. rev. é inteiramente desta opinião, com a differença porem que v. rev. attribue a precoce decrepitude de nossos costumes e o nosso vergonhoso esphacelamento social, ao estabelecimento da Maçonaria nesta cidade; e nós, que não acreditamos tão poderosamente na influencia da Maçonaria, desdenhamos essa explicação e vamos descobrir em nossa educação religiosa a causa unica e completa de nossa degradação phisica e moral.

Si a Maçonaria corrompesse o terreno em que a plantassem, o mundo inteiro estaria perdido, porque em todo o mundo essa associação de liberdade hasteou já seus estandartes gloriosos.

A causa é outra! é muito outra! E desde já desculpe-nos v. rev. e todas as maranhenses, que nos honrarem com a leitura destas linhas, si algumas vezes nossa tinta, por muito encharcada de verdade, não escreve ...as côr de rosa.

...cadavel—as
...omo as
...ffeito

Mutilado

Isto é uma grande verdade. Nós somos o marmore, ellas são o estatuario—podemos sahir, conforme o burril que nos talhar, uma estatua grega ou um simples boneco de presepe.

Podemos ser um heróe ou um bandido, um santo ou um canalha—depende tudo da capacidade moral e intellectual de nossas mães.

A mulher traça o esboço da vida de seu filho. Mais tarde a sociedade, os livros, os mestres, os costumes e as necessidades, não fazem mais do que encher esse esboço, sujeitando-se ás linhas que o contornam.

A educação primaria, a educação da meninice, governa toda nossa vida. Todas as paixões, que nos assaltam no decurso de nossa existencia, assim como todas as nossas virtudes e todos os nossos deveres, tiveram a séde na educação que recebemos nos braços de nossas mães. A religião, o trabalho, o amor, a obediencia, a dedicação ás lettras, ás artes e ás industrias, a fé, a dignidade, a altivez, a ambição, os sonhos de gloria, a vehemencia nos affectos, tudo isso emfim com que se formam os caracteres, bons ou máos, tudo isso que toma o nome de—temperamento, indole, caracter, talento, genio, tudo o que representa um sentimento, uma individualidade, um perfil, tudo isso vem de nossas mães—só dellas! Foi-nos inoculado no sangue pelo leite que bebemos, pelas palavras que ouvimos, pelos exemplos que absorvemos.

E a Maçonaria, pelo menos entre nós, nada tem com as mulheres. E' uma sociedade puramente de homens. E o homem, já pelo caracter externo de seus trabalhos, já pela rudeza natural de seu sexo, já pela preocupação politica, scientifica ou litteraria, que o afasta do lar, não actua directamente sobre o filho, ás vezes até quasi não lhe conhece os instinctos, não sabe descobrir-lhe as vontades; falta-lhe o delicado segredo, a subtileza, que só possuem as mães, graças á sua sublime e resignada dedicação, de ler atraves do christal azul dos olhos de seus filhinhos, as mais pequeninas intenções e o mais escondido instincto.

A criança, por conseguinte, palpita, cresce, enforma-se nos braços da mulher—é della que recebe o primeiro beijo, como recebe o primeiro castigo, como recebe a primeira lição, lição que se filtra, como um raio de sol, na alma da criança, lição que predominará em todo o resto de sua vida.

O homem é muito mais filho da mulher do que do homem. Si a mulher é má—o filho hade ser máo. Si a mulher fôr um anjo—o filho será um heróe; seja o pae muito embora o ultimo dos entes.

Dize-me quem é tua mãe—te direi qual será teu destino!

A Maçonaria entretanto apresenta-se-nos quando já somos homens, quando já temos nosso caracter formado, nossa personalidade accentuada. Ella não nos póde tomar de assalto, porque já nos encontra de pé firme. Querer que ella disfaça em um instante, tudo que nossa mãe tão poderosamente injectou em nossa alma, é querer um absurdo.

Pois bem, assim como o homem é o reflexo desenvolvido de sua mãe, assim uma sociedade, um povo, uma geração é o transumpto espectaculoso do estado moral e intellectual em que se acham as mulheres dessa sociedade ou dessa geração.

Para prova disso queria v. rev. procurar saber o que foi a sociedade franceza de 1789 a 1793, quando as mães tinham a alma arejada pelas paginas de Rousseau. Observe igualmente v. rev. o que foi a mesma sociedade franceza na epocha do primeiro imperio e v. rev. verá nella a synthese dos dramas napoleonicos. Entre nós pode v. rev. comparar a sociedade molle, lymphatica [illegible] de hoje c[illegible] a nossa p[illegible] epochas [illegible] mul[illegible]

[illegible] cia da mulher, que o concebeu e educou, convem estudar a causa de nosso mal na fonte donde elle partio—a mulher.

E o que é a mulher maranhense?

—A mulher maranhense é por excellencia a devota, a carola, a mulher cheia de supresticões, cheia de abusões. E' a mulher que só apara os cabellos pelo quarto crescente da lua, é a mulher que não consente os chinellos emborcados debaixo da rede, é a mulher que não corta as unhas á noute e tem máo agouro com o arrulhar das pombas, com o uivar dos cães, com a entrada inesperada de uma borboleta na varanda ou no quarto. E' a mulher nervosa, sem exercicio, sem movimento, com o utero estragado pela anquinha ou pelos saltos do sapato *Pompadour*, com o figado inutilisado pela pimenta de cheiro, com o cabello ardido pelo oleo de Babosa, com a cara ensardada pela alvaiade de chumbo e pelos vinagres aromaticos, com os dentes cariados pelo abuso do assucar, com o sangue aguado pela carne podre, que nos vem do açougue, com os nervos sobresaltados pelas muitas chicaras de chá verde, pelas insomnias, pelas valsas e pelas immoralidades do defunto Casemiro de Abreu. E' a mulher feia, magra, anemica, cheia de frieiras, com o halito quente, as mãos humidas, o pescocinho se finando, as orelhas se despregando do craneo, a bocca contrahida por uma tristeza ideal e lyrica, os olhos mortos, a côr biliosa, a espinha arqueada, os hombros levantados e os pés chatos e vacillantes. E' a mulher que teve uma paixão aos doze annos, que emmagreceu e minguou aos quinze, que desejou morrer aos deseseis e que envelheceu aos vinte. E' a mulher que tem medo de tudo, do quarto escuro, dos mascaras, dos trovões, das descargas militares, das baratas, das osgas, é a mulher que á noute, perfeitamente fechada na alcôva, vae metter-se na rede da *mãe-preta* com medo d'*inglez*, mas que no entanto abre fóra d'horas a janella da sala, para ouvir o trovador de esquina, que, encostado ao lampeão, de ponta de cigarro no canto da bocca, a perna cruzada, o olhar voluptuoso, affirma, dedejando o violão, que,

A não ser certas mazellas,
Desejara ser camisa
P'ra cobrir o corpo d'ellas.

A mulher maranhense, senhor conego Mourão, é a mulher que se casa aos quatorze annos e inutilisa-se para o resto de sua vida, é a mulher que acredita nos milagres da Virgem, nas coleras de Deus, na efficacia da confissão, na necessidade moral do jejum, é a mulher supinamente ignorante de seus deveres sociaes e de suas obrigações domesticas. E' a mulher que não sabe escolher uma toilete adquada á sua phisionomia, a sua idade e estado, á sua constituição e ao meio que se propõe frequentar, é a mulher que não sabe escolher a mobilia, como não sabe escolher o marido, que não sabe preparar pós para os dentes, areiar um tacho, desencardir um lenço e desenfectar uma cassarola. E' a mulher que não sabe andar, não sabe se assentar e não sabe estar em sociedade, mas que em compensação conhece de côr todas as rezas, todas as ladainhas, todas as jaculatorias, sabe queimar pindova benta para apasiguar trovões, sabe remedios sobrenaturaes para tudo, sabe pendurar no poço um santo Antonio e amarrar no vestido um santo Onofre. A mulher maranhense é finalmente a antithese da mulher ingleza.

Veja-se esta como caminha—direita e certa. Seu corpo, calçado na roupa inteiriça e elástica, bem mostra que é capaz de fazer quatro ou seis leguas, sem afrouxar de pernas e sem dear com en[illegible] [illegible]eus dentes brancos patenteam [illegible] halito e a regularidade do [illegible] faces côr de rosa dizem [illegible] sangue; seus olhos, de [illegible] ingenua, se fechariam [illegible]a das pilherias que [illegible]ciedade, os nossos *dandys*, e são não obstante capazes de affrontar, sem pestanejar, a impetuosidade do oceano, a colera terrivel das tempestades, o aspecto medonho e cru das rochas.

Uma *miss* tem mais coragem e talvez mais força do que um dos nossos rapazes mais fortes.

Olhe-se para as mãos e para os pés de uma ingleza—são fortes, nervosos, revelam a bôa compleição dos musculos, mostram que ellas se alimentam de bom *roast-beef*, que educaram o corpo no *cricket*, no *box* e que não passaram a mocidade de joelhos nas sachristias, a respirar incenso, a bater nas bochechas, a enervarem-se nas interminaveis orações, a cantar de veronica nas procissões da Quaresma e a ingerir amendoas de mendubim, que lhes dessem os conegos da Sé.

Não! porque são protestantes! Porque pertencem a essa raça altiva, pratica, de razão serena, de corpo direito, donde se tiram as melhores educadoras do mundo.

Ahi fica mal alinhavado, meu caro doutor, o que é em geral a mulher, não só maranhense, como brasileira; isto é, a que a reduzio barbaramente um bom par de annos de metaphisica, de catholicismo, de lyrismo piegas, de tranças e dentes postiços e de educação portuguezmente religiosa.

O quadro, que nos tivemos o infortunio de pintar com tanta franqueza, e que v. rvd. teve a bôa idéa de transcrever, para dar ao publico uma copia insuspeita de nossa sociedade, é um quadro realista, sem convenções, sem arte, porem cheio de verdade e de bôa fé, não se propõe deleitar os olhos, propõe-se magoar feridas.

Será um trabalho repugnante, mas é um trabalho necessario. E o que ahi está, querido visionario, pintado com toda a amargura, que nos emborcou no coração e sociedade pôdre em que germinamos, é uma consequencia do fanatismo, da ignorancia e da incapacidade de nossas instituições, creadas pelo espirito metaphisico de nossos avós, mas nunca será a consequencia da Maçonaria.

A Egreja, ou melhor o padre romano, é o unico culpado desse estado decadente—foi elle quem, desde a nossa antiga metropole, atrophiou o espirito da mulher, quem a habituou ao mysterio, ao mysticismo. Foi elle quem fel-a renunciar á consciencia de seus actos, para explical-os pela *fatalidade*.

A religião que os padres ensinam ás brasileiras e que estas depois transmittem no berço a seus filhos, é uma religião que nos leva ao fatalismo.

O fatalismo é a negação do raciocinio.

A mulher maranhense não sabe reagir, nunca aceita a responsabilidade do que faz—quando commette uma falta, desculpa-se do seguinte modo—*E' porque mesmo já tinha de succeder!*

Esta inconsciencia dos proprios actos dá logar a terriveis desmoronamentos sociaes.

Pois bem! essa inconsciencia é tudo o que o Catholicismo exige de nós!

Aquelle, que se institue unico arbitro de seus actos, caminha direito, porque sabe perfeitamente que elle é o unico responsavel pelo mal que fizer. Quem toma para seu unico juiz a propria consciencia muito mais dificilmente commetterá um crime, do que aquelle que toma Deus para juiz: porque Deus, segundo diz-nos a religião, perdôa qualquer falta, mediante algumas penitencias: e a consciencia, ah! padre!—essa nunca perdôa!

Em consequencia d'essa falta de confiança em si, a mulher maranhense quando tem um filho, não procura pôr em pratica o meio de fazer delle um homem de bem, não procura preparal-o para vir a ser um cidadão util, não! entrega-o a ignorancia dos professores e a convivencia dos escravos, e diz—*Ora! será o que Deus quizer! Será o que o Destino mandar!*

E no entanto esse tal destino não existe!—o Destino é aquillo que nós queremos que elle seja! Si uma criança receber na educação primaria os elementos vigorosos e salutares de um bom caracter, faça o Destino o que quizer—essa criança será infallivelmente um homem proveitoso e honrado.

Si não receber, mastigue a mãe muito embora todas as rezas do mundo, mas a criança virá a ser um vagabundo, inutil e pernicioso! Venha contra isso quem vier!

E afinal quem fez a nossa mulher abjurar de toda a responsabilidade de seus actos, para delegar a Deus ou a Egreja a formação dos destinos de seus filhos?!

Foi o jesuita! Esse que fez nossas Ordenações, que ditou nossa constituição, que criou o nosso escarneo de sciencia academica, esse que protegeu o contrabando de africanos, esse que apoderou-se de nossa mulher, justamente por saber que, segura a arvore, seguros estariam os fructos!

Quer V. Rvm. que nossa sociedade não cambaleie? quer que nossas mulheres produzam rapazes vigorosos, praticos, trabalhadores e uteis em vez de palpalhões e *dandys*, que só aspiram uma cartinha de doutor ou uma pipineira na dispensa commum do Estado?

Reforme então nosso systhema de governo, veja se consegue arrancar-nos por uma vez a metaphisica, separe a Egreja do Estado, raspe do costado da não governamental toda a salsugem lyrica que ahi ficou desde 1820, veja se consegue das camaras menos rethorica e mais idea ou trabalho, proteja a industria nacional que morre sob os impostos, abra nossos horisontes ás artes, admitta as mathematicas como base de toda e qualquer instrucção, derribe nossos innumeros conventos e egrejas para construir sobre [illegible] ruinas aulas nocturnas destinadas gratuitamente ao povo, mande fusilar todos os nossos professores regios, que não souberem ler e escrever, suprima a palmatoria e o catechismo das escolas.

Feito isto v. rem. faça presente de sua batina ao senhor Pureza, aprenda um officio e escreva por despedida um artigo na Civilisação, declarando que aquella historia que v. rvd. contou do diabo, que rebentou em uma sessão maçonica, porque o padre *Janner* erguera uma cruz—não era mais do que uma bôa caçoada, arranjada por alguns rapazes da Maçonaria, com o fim de se divertirem a custa do simplorio do padre.

E com esta:

Somos de v. rvd.
Homens sem nada a perder e almas corrompidas.

—

Succedeu que na «Gargalhada d'*O Pensador*» apparecessem certas pilherias inoffensivas com algumas pessôas conhecidas e respeitaveis de nossa sociedade.

Ninguem, a excepção do Illustrissimo Senhor Sampaio, massou-se com isso, apressamo-nos por conseguinte a dar a esse cavalheiro e ao publico desta capital a devida explicação:

«O chronista d'*O Pensador* declara, alto e bom som, que, o que avançou a respeito do senhor Sampaio, é falso—elle não se parece absolutamente nada com um sapo.»

Cremos ter cumprido o que nos manda o dever.

EXPEDIENTE.

Recebemos:

Do sympathico *Jockey Club* um delicado convite para tomarmos um copo de cerveja no seu opiparo bufete.

Agradecemos aos illustres gentlemen, enviando-lhes um cordial *shokehand*.

Revista de Medicina, de Pariz; *O Libertador* e *O Porvir*, do Ceará; *Dialecto*, do Rio Grande do Sul, e o *Relatorio da Empresa de Navegação Fluvial*—Moreira da Silva & C.ª

Agradecemos.

Maranhão.—Impresso na Typ. do Frias.